



EDITORIAL

Os organizadores

Prezada leitora, prezado leitor,

Aqui está o v. 4, n. 1, 2018, de ECO-REBEL. Felizmente, temos conseguido manter a periodicidade semestral rigorosamente. O que é mais, a revista em geral é lançada no início do semestre. Como se pode ver, este número contém quatro artigos de autores estrangeiros, sendo um da Alemanha (Matthias Jung), um da França (Louis-Jean Calvet), um da Argentina (Diego Forte) e uma do Chile (Celia González Estay).

O texto inicial é “Crítica ecológica da linguagem”, de Matthias Jung. Ele saíra originalmente em alemão, sob o título de "Ökologische Sprachkritik", em Alwin Fill (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996, p. 149-173. Em Alwin Fill & Peter Mühlhäusler (orgs.), *The ecolinguistics reader*, Londres: Continuum, 2001, ele foi traduzido para o inglês como "Ecological criticism of language", p. 270-284. Agora, ele está sendo publicado em tradução portuguesa, com permissão do autor, devido ao fato de discutir uma questão muito interessante para nossa área, o antropocentrismo. Segundo Jung, é impossível não sermos antropocêntricos até certo ponto, pois não conseguimos ver o mundo pela perspectiva do cachorro (caninocentrismo), do gato (felinocentrismo) nem dos bois (bovinocentrismo), entre outros. Como a luta contra o antropocentrismo é um ponto de honra para os ecolinguistas em geral, além da crítica à própria ecolinguística, a proposta de Jung é um contraponto que pode fazer avançar a discussão.

O segundo texto, “Inventar a língua e lhe dar um nome”, de Louis-Jean Calvet, constitui a conclusão do livro do autor *Pour une écologie des langues du monde* (Paris: Plon, 1999). Reproduzimo-lo, com autorização do autor, devido ao interesse teórico que ele apresenta para a ecolinguística. Ele corrobora muitas das teses defendidas pela linguística ecossistêmica, de que ECO-REBEL é o porta-voz.

O terceiro artigo, “Ecossistema cultural”, de Hildo Couto, tem por objetivo salientar o fato de que a língua e as linguagens em geral fazem parte da cultura. Tanto que o C (de

cultura) do tripé do ecossistema cultural associa-se ao mesmo P de população/povo e ao mesmo T de território, de modo que o ecossistema linguístico fica em seu interior, ocupando a maior parte dele. O texto mostra que até mesmo os fenômenos da cultura que ficam fora do domínio dos fenômenos linguísticos podem ser usados nos atos de interação comunicativa que se dão entre os membros da comunidade de fala. Isso porque, como a língua, a linguagem da cultura também é de natureza semiótica, justamente por ser linguagem.

Em “Construcciones multimodales de la desigualdad: *Cresta roja* y el conflicto especista detrás del conflicto de clase”, Diego Forte mostra que, da perspectiva da multimodalidade, os gestos faciais e todo o comportamento de pessoas em um programa de televisão completam a linguagem verbal, no caso, reveladora de uma postura especista, que não vê que os animais sofrem como os humanos. O autor faz isso utilizando a análise do discurso crítica, combinada com a semiótica social de Hodge & Kress. Seria interessante contrapor isso com as regras interacionais da linguística ecossistêmica, o que não era o objetivo do autor.

O artigo de Vera Menezes, “Interaction and second language acquisition: an ecological perspective”, trata de um assunto ainda não abordado em ECO-REBEL, qual seja, a aquisição de segunda língua de uma perspectiva ecológica. Questões como interação, visão ecológica e até o conceito de bioma são trazidas à baila pela autora. Ela inclui a interação mediada, no caso pela tecnologia, de que dependemos cada vez mais.

Celia Gonzáles Estay, em “Modelo conceptual ecolinguístico basado en la teoría general de sistemas (TGS): una propuesta”, propõe um modelo a que chama de “conceptual ecolinguístico” a fim de entender uma ecolinguística baseada na teoria geral dos sistemas de Bertalanffy, incluindo a linguística ecossistêmica e o ecossistema cultural.

O texto assinado por Marcus Maia, Márcia Nascimento e Chang Whan, “Voices of language and culture revitalization in Aotearoa, New Zealand”, é uma entrevista com cinco professores maoris engajados na questão da educação em sua língua e cultura. Como se sabe, a língua maori quase desapareceu, mas, devido a atividades como a dos entrevistados neo-zelandeses, hoje em dia ela está conseguindo um considerável nível de revitalização. Devido a sua importância para os estudiosos das línguas indígenas brasileiras, um parecerista sugeriu que o texto fosse publicado também em versão portuguesa, o que os autores atenderam prontamente.

Este número de ECO-REBEL contém ainda três resenhas. A primeira é do livro *Sobre a fala dialogal*, de Lev Jakubinskij, feita por Hildo Couto. A segunda é do livro *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil*, escrita por Alexandre Timbane. A terceira é da segunda edição, em forma de e-book, de *Contato interlinguístico: da interpretação à gramática*, resenhado por Mario Luís Monachesi Gaio.

O número contém ainda miniresenhas. Elas têm por objetivo apenas registrar obras publicadas mais de dois anos antes da publicação da revista, mas que apresentam interesse para os ecolinguistas, sobretudo os de orientação linguístico-ecossistêmica. É o caso do livro de Fábio José Dantas de Melo, *Os ciganos calon de Mambaí: a sobrevivência de sua língua* (Brasília: Thesaurus, 2005). Trata-se do primeiro livro a falar em ecolinguística no Brasil, embora em artigos o assunto já viesse sendo discutido desde final da década de noventa.

Este número de nossa revista introduz uma novidade: ENTREVISTA COM ECOLINGUISTAS. Como a ecolinguística é uma disciplina relativamente jovem, saber a opinião dos principais especialistas da área nos pareceu importante, pois em diálogos os autores se expressam de maneira mais informal, o que, achamos, pode nos levar a entendê-la cada vez melhor. Começamos por Peter Mühlhäusler, professor aposentado da Universidade de Adelaide, Austrália. Ele é uma das maiores autoridades no assunto, com vários livros e artigos publicados, inclusive a primeira coletânea de textos ecolinguísticos já mencionada acima, em coautoria com Alwin Fill, da Universidade de Graz, Áustria. Ele orientou diversas pesquisas que levaram a dissertações e teses, como a do já conhecido ecolinguista australiano Joshua Nash, também bastante produtivo.

Enfim, temos certeza de que a qualidade dos textos aqui publicados em muito contribuirá para um avanço no entendimento teórico dos espinhosos fenômenos da linguagem.

Boa leitura!